

## ABELHAS: MEL E POLINIZAÇÃO

**\* Roberto Rodrigues**

Uma atividade agrícola pouco conhecida é a apicultura. E quem sabe um pouco do setor logo o identifica com a produção de mel.

Com efeito, o Brasil já é o 11º produtor mundial de mel gerando quase 500 mil empregos em toda a cadeia produtiva.

A classificação dos estados mais importantes na produção do mel – RS, PR, PI, SC, CE, SP, MG, BA, PE, RN e MS – mostra a grande disseminação do mesmo em todo o território nacional, graças às centenas de plantas comerciais e milhares de outras da nossa maravilhosa biodiversidade, não exploradas comercialmente.

Além de um guloso mercado interno, o Brasil vem exportando para a União Européia, Estados Unidos, Japão, Arábia Saudita, Suíça, Canadá, China e mais uma dezena de outros países.

No primeiro semestre deste ano exportamos 18,3 milhões de dólares, 70% a mais que no ano passado, com um volume de 7200 toneladas. Isto é 4,3% da demanda mundial, de modo que temos uma fatia muito grande do mercado a ser conquistada.

No entanto, há um tema ainda pouco explorado na apicultura, e que pode gerar até 10 vezes mais renda do que a produção de mel: trata-se da polinização.

Na Austrália, no Canadá, nos Estados Unidos e na União Européia, os serviços de polinização executados pelas abelhas em sua busca do mel tem sido um dos responsáveis pelo aumento da produtividade agrícola, a um custo muito menor do que o de outros insumos.

Em entrevista recente à revista Veja, o apicultor Paulo Roberto de Oliveira, brasileiro estabelecido na Flórida, informou que nos Estados Unidos, “o principal negócio do apicultor atualmente é o trabalho de polinização. O mel já virou um subproduto”.

Uma praga ainda pouco conhecida, o CCD (desordem de colapso das colônias) vem produzindo grande mortandade de abelhas, particularmente nos países desenvolvidos, o que inflacionou o aluguel de colméias com o objetivo da polinização.

Isto faz todo o sentido. Dados do Brasil indicam que a colocação de 4 a 6 colméias por hectare de laranja pêra-rio pode aumentar em até 39% a produção da fruta. Em café, o aumento pode chegar a 25/30%. Ensaios com soja no Paraná, também com 4 a 6 colméias por hectare, na variedade BRS 133, mostraram aumento de 56% na produção (dá para imaginar o impacto disso na produção de biodiesel).

Estes números explicam o aumento do aluguel de colméias nos Estados Unidos. Em 2004, uma colméia com 50 mil abelhas era alugada por 40 dólares e hoje está na casa de 150 dólares.

No entanto, no Brasil a questão da polinização ainda não está tratada como merece, mesmo com os grandes potenciais de aumento da produção e renda de culturas.

Segundo a ABEMEL, a maioria dos apicultores apenas extrai mel, o máximo possível, sem distribuir as colméias pelas áreas de cultura, deixando-as concentradas em um local só, para facilitar o trabalho; e não manejam as colônias para visitar as flores na melhor hora para polinizar nem as dirigem para a cultura desejada. Mas isso pode ser melhorado, e muito.

Eis um assunto que merece uma atenção especial, mormente em função da doença referida. Afinal, Einstein, exagerando ou não, disse: “se as abelhas desaparecessem da face da terra, ao homem restariam apenas mais 4 anos de vida. Sem abelhas, não haverá polinização, não haverá plantas, nem animais, nem homens”.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**